

LEITURAS EM SI: UM BALBUCIO ENSAÍSTICO SOBRE A FORMAÇÃO LEITORAS/ES A PARTIR DO PROGRAMA MULHERES INSPIRADORAS

(Reading itself: an essay on the formation of readers based on the Inspiring Women Program)

Bruna Paiva de Lucena
(Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal)

RESUMO

Em um país em que uma em cada cinco pessoas não compreende o que lê, é imediata a constatação de que as políticas e as práticas de formação de leitoras/es de literatura no contexto escolar não estão atingindo o objetivo a que se destinam. Lidar com alunas/os reais que não sabem ler, que não gostam de ler e que veem a literatura como algo desconexo de suas vidas é um enorme desafio, que muitas vezes transforma a prática pedagógica em impossibilidade de concretização de objetivos de estudantes e docentes, não se cumprindo a finalidade do processo educativo como uma forma de acesso ao mundo. Este texto tem o intuito de discutir essa problemática, a partir da vivência do Programa Mulheres Inspiradoras, da Secretaria de Educação do Distrito Federal, por estudantes do ensino médio no âmbito da disciplina de língua portuguesa, em que se realizou a leitura de obras escritas por mulheres.

Palavras-chave: *formação de leitoras/es; metodologias para a prática de leitura.*

ABSTRACT

In a country where one in five people can't comprehend what they read, it can be immediately stated that the policies and practices for the formation of literature readers in the school environment aren't reaching the goals they are supposed to. Dealing with actual students who don't know how to read and don't enjoy reading, and who view literature as something disconnect from their lives is a huge challenge, which often transforms the pedagogical practice into an impossibility of meeting the goals of both students and teachers, not fulfilling the purpose of the educational process as a way of accessing the world. This text intends to discuss this problem, taking into account the experience of the Inspiring Women Program, from the Federal District Education Department, by High School students within the scope of the Portuguese language subject, where works written by women were read.

Keywords: *Formation of readers; Methodologies for the reading practice.*

Recebido em: outubro 2018
Aceito em: novembro 2018
[DOI: 10.26512/les.v19i3.18029](https://doi.org/10.26512/les.v19i3.18029)

O prazer de ensinar é um ato de resistência que se contrapõe ao tédio, ao desinteresse e à apatia onipresentes que tanto caracterizam o modo como professores e alunos se sentem diante do aprender e do ensinar, diante da experiência da sala de aula.

bell hooks, *Ensinando a transgredir*, p. 21

Sou Bruna Paiva de Lucena, professora de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Em 2017 atuei no Centro Educacional 07 de Taguatinga, escola localizada na região conhecida como *Tailândia*, entre as cidades de Taguatinga e Ceilândia, há aproximadamente 30 km

do Plano Piloto (Brasília), e que consiste em uma das áreas de vulnerabilidade social do território do Distrito Federal.

Estas considerações nasceram desse espaço privilegiado para a vivência e a quebra cotidiana de paradigmas, limites e desafios: o chão da sala de aula, que em seu espaço abrigou alunas, alunos, eu, outras professoras/es, livros, papéis. Neste ensaio me deterei especificamente a uma parte da experiência de formação de leitoras e leitores realizada em sala de aula no âmbito do Programa de Ampliação da Área de Abrangência do Projeto Mulheres Inspiradoras, idealizado e coordenado pela professora Gina Vieira Ponte.

Em linhas gerais, o Programa Mulheres Inspiradoras, que hoje está em vias de tornar-se uma política pública do Distrito Federal, tem o objetivo de disseminar a equidade de gênero, conscientizar a juventude sobre o importante papel das mulheres na sociedade e os perigos do machismo em nossa estrutura social e formar alunas/os e leitoras/es protagonistas de seu aprendizado. Para isso propõe a leitura de narrativas biográficas, em que sejam protagonizadas histórias de mulheres que fizeram a diferença em seu mundo. Entre as obras abrangidas, estão, por exemplo, *Diário de Anne Frank* e *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus.

A iniciativa surgiu em 2014, em uma escola pública em Ceilândia (DF), a partir da inquietação da professora Gina Vieira Ponte, que começou, então, a trabalhar, em sala de aula, livros de diversos gêneros literários com exemplos de mulheres fortes de diferentes classes sociais, raças, escolaridades e idades. Após a leitura, estudantes fizeram dissertações sobre uma mulher inspiradora de seu convívio. As entrevistas foram feitas, em sua maioria, com avós, mães e líderes de igreja da região. A própria professora Gina foi entrevistada por algumas/ns alunas/os.

Ao total, foram realizadas 150 entrevistas. Todas traziam relatos de mulheres que superaram suas histórias de sofrimento. Os casos são diversos, há situações em que a responsabilidade chegou mais cedo, como cuidar dos irmãos mais novos ou ter que trabalhar de empregada doméstica ainda criança; outras em que alguns infortúnios ocorreram como ser mãe sozinha ou conviver com violência doméstica por anos.

Além das mudanças no comportamento das/os alunas/os, o projeto colaborou para o fortalecimento dos vínculos familiares das/os estudantes. Os textos por elas/es produzidos, após a realização das entrevistas, foram reunidos e publicados em um livro que leva o mesmo nome do projeto, que já conquistou diversos prêmios. O primeiro deles, em 2014, foi o 4º Prêmio Nacional de Educação e Direitos Humanos, patrocinado pelo Ministério da Educação. Em seguida, veio a conquista do 8º Prêmio Professores do Brasil e do 10º Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. O projeto também foi o vencedor do 1º Prêmio Ibero-Americano. No total, Mulheres Inspiradoras já conquistou mais de R\$ 100 mil em prêmios.

No ano de 2017, o projeto foi ampliado para mais 15 escolas públicas do Distrito Federal, chegando a minha escola. Participei juntamente com minha companheira de escola, Ana Claudia Souza Dias, de um curso de formação, e levamos para nossa escola um acervo de mais de 100 livros, distribuídos entre os seguintes títulos: *Não vou mais lavar os pratos* e *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*, ambos de Cristiane Sobral, *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, *Diário de Anne Frank* e *Eu sou Malala*.

Em um país em que uma em cada cinco pessoas não compreende o que lê, é imediata a constatação de que as políticas e as práticas de formação de leitoras/es de literatura no contexto escolar não estão atingindo o objetivo a que se destinam. Lidar com alunas/os reais que não sabem ler, que não gostam de ler e que veem a literatura como algo desconexo de suas vidas é um enorme desafio, que muitas vezes transforma a prática pedagógica em impossibilidade de concretização de objetivos de estudantes e docentes, não se cumprindo a finalidade do processo educativo como uma forma de acesso ao mundo.

O chão da sala de aula, com seus momentos de céu e inferno, foi o que possibilitou, contudo, ver flor brotar de asfalto e de árido sertão. Essa mesma profissão que leva muitos à decadência psicológica, emocional e física, foi a que permitiu construir um espaço de conscientização, humanização e transformação de alunas, alunos e de mim mesma. Então, antes de falar qualquer coisa, gostaria muito de colocar em evidência a importância da atuação de professoras/es, embora muitas vezes o que se sobressaiam sejam nossos limites e fracassos. Neste momento, para falar de nós e de nosso agora, não sonogarei os desafios, mas tentarei mostrar os ganhos, os alcances, os sucessos.

Antes de falar delas e deles, alunas e alunos, falarei de mim, professora. E para isso remontarei ao meus inícios. A primeira vez que entrei em um lugar como alguém responsável por ensinar algo a alguém foi na igreja, quando aos 12 anos de idade olhava crianças entre 5 e 8 anos de idade. Minha família nunca fora religiosa, mas para quem mora em uma cidade pequena e se é adolescente, ir à igreja significa sair um pouco de casa e das vistas dos pais. Houve um dia em que uma menina, na escola dominical, escreveu “bassoura”, com um “b” bem grande no quadro, como exemplo de palavra iniciada com a letra b. No auge também da minha inocência e desconhecimento de história da língua ou fonética e fonologia, escrevi a palavra corretamente, dizendo àquela menina que a gente fala às vezes assim, mas não devemos escrevê-la dessa modo, Tateando ao longe uma perspectiva de variedade linguística. Aí um dia desses, eu tentando varrer um canto da minha casa, me voltou à memória esse acontecimento, e me peguei pensando o quanto “bassoura” carrega para muitos, como para mim mesma, uma sonoridade afetiva, amorosa, ancestral, ao mesmo tempo em

que remete àquele sentimento de que as palavras corretas não são as nossas, mas as que temos de aprender continuamente, que estão fora de nós.

Esse princípio marca uma história de buscas por, ao mesmo tempo, ensinar alguma coisa imediata, como a escrita de uma palavra de acordo com a norma forma, mas também formar alguém em um processo que ultrapasse o imediatismo da escola de cumprir currículos e que considere o que a pessoa em minha frente já carrega, assim como o que eu carrego, nesse encontro de subjetividades. E nesse espaço está a formação de leitoras e leitores, bem como a formação literária.

Aqui me deterei especificamente a uma pequena parte do processo de formação de leitoras, ocorrida por meio da leitura de *Não vou mais lavar os pratos*, da Cristiane Sobral, realizada por turmas de segunda e terceira série do ensino médio. Nesse intuito focarei na experiência de formação de leitoras/es em um ambiente extremamente heterogêneo no que se refere aos estágios de desenvolvimento da leitura.

Um dos poemas mais escolhidos pelas alunas e alunos durante a realização do Mulheres Inspiradoras, no momento da leitura do livro de poemas *Não vou mais lavar os pratos*, da escritora carioca radicada em Brasília Cristiane Sobral, foi “Flor”, cujo tamanho diminuto é inversamente proporcional aos inúmeros significados que traz. Ele diz assim: “Tenho uma cicatriz incandescente de dor / Mas é só por dentro / Por fora desenhei uma flor” (Sobral, 2016, p. 71). Tomei de empréstimo a interpretação de muitas alunas e alunos para articular o que estou propondo neste momento. Vivenciar esse projeto talvez tenha sido isso: revelar sim muitas dores, faltas, incompetências, mas, e ao mesmo tempo, fazer brotar flor, o que aconteceu em relação tanto ao nosso fazer pedagógico como ao processo de formação de leitoras/es ao qual tentamos propiciar a nossas alunas e alunos.

Mesmo antes de se iniciar a leitura, logo quando mostrei meu exemplar, autografado pela autora e disse que se tratava de uma pessoa por mim conhecida, já percebi um movimento de aproximação, chegando ao mundo dos afetos, de cada uma e cada um das e dos estudantes, que quase em sua totalidade, nunca haviam conhecido um/a autor/a de um livro. Em minha própria trajetória como aluna egressa da escola pública – em todas as etapas da educação (educação infantil, ensino fundamental, médio e superior) – e trabalhando em escolas públicas da periferia de Taguatinga, pude perceber que ver o mundo através do que não se possui, nos coloca num espaço de distanciamento, de alheamento, sendo a curiosidade mediada pelo sentimento de “isso é tão longe do meu mundo”. Pensando junto com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2006), pode-se dizer que nesses momentos percebemos nosso alheamento de determinado capital cultural (conhecimentos legítimos), social (representa relações sociais valorizadas) e simbólico (símbolo de prestígio social), a qual nos distancia de determinados bens simbólicos culturais como a leitura de literatura.

O passo seguinte foi entregar para cada um/a deles/as um exemplar do livro e explicar-lhes que leríamos todo o livro em sala de aula. Vale apenas ressaltar que um dos ganhos do Programa Mulheres Inspiradoras consiste justamente na formação de um acervo, na escola, de obras de escritoras que, de alguma forma, dialogam com a realidade das/os estudantes, que são próximas a elas/es; dessa forma tanto se amplia o número de títulos da biblioteca escolar, como também se alarga a visão de mundo de alunas/os sobre a questão da autoria, do que pode ser falado por meio do literário, entre outras questões.

No caso de *Não vou mais lavar os pratos*, ocorreu tanto um movimento de aproximação do território, já que se trata de uma escritora que, embora seja carioca, viva em Brasília há mais de 20 anos, como um movimento de aproximação da presença, uma vez que a Cristiane Sobral esteve em nossa escola em um lindo encontro que reuniu na quadra poliesportiva quase 500 alunas e alunos que já tinham lido seu livro. Como a própria escritora nos relatou, foi um dos poucos momentos em que ela havia sido lida pelas/os que ela havia escrito. Aqui, pertencimento de ambos os lados.

Nesse momento ocorre um movimento de ressignificação sobre o que é uma mulher, uma escritora e uma mulher negra para nossas alunas e nossos alunos, o que Glória Anzaldúa define com por “a história em uma peneira, separa as mentiras, observa as forças das quais nós enquanto raça, enquanto mulheres, temos sido parte” (Anzaldúa, 2005, p. 709). Aqui sentidos são movimentados junto com o encontro dos corpos.

Voltando à sala de aula, mesmo tratando-se de um livro curto, de um pouco mais de 100 páginas, e de poemas, muitas/os foram os que disseram que não conseguiriam dar cabo à sua leitura, nem que para isso fossem dadas 4 aulas de 45 minutos. Concomitante a esse comentário, houve o relato de muitas/os de que esse seria o primeiro livro que leriam do começo ao fim na vida. Em todas as 5 turmas, esse comentário se reproduziu. Falavam isso com um tom de brincadeira, riso, palhaçada até, mas manifestando a real formação (ou não formação) delas/es como leitoras/es. Ao ser firmado um contrato de leitura, instrumento pedagógico elaborado pela professora Gina, percebi um comprometimento de realizar a leitura de todo o livro em sala. Nessas 4 primeiras aulas, as/os estudantes realizaram a leitura livre e individual. Como isso aconteceu? Houve momentos de leitura silenciosa, de conversa tanto sobre o livro tanto sobre qualquer outra coisa, houve fotos e trechos de poemas saindo instantaneamente da sala de aula para perfis e *stories* de redes sociais. Houve quem não lesse todo o livro. Houve quem não só leu como releu. Houve quem fotografou o livro do início ao fim, me pedindo que um dos exemplares de presente. Houve quem nem ao menos conseguisse se aquietar na cadeira ou no chão para realizar a leitura. Ao serem indagadas/os sobre isso, no momento mesmo da aula, algumas/ns me disseram que o livro não falava nada de interessante para elas/es, outras/os que não gostavam de ler, algumas/ns me ignoraram completamente. Foram unânimes ao me

dizerem que ler livros de literatura em sala de aula era algo que já haviam feito, mas a muito tempo atrás, seja individual ou coletivamente.

Um instrumento de extrema importância nesse processo foram os diários de bordo, que consiste em um caderno em que a cada dia uma aluna ou um aluno é responsável por nele relatar o que ocorreu em sala de aula tanto de forma objetiva, descrevendo os acontecidos, quanto subjetiva, como ele viu, sentiu, avaliou a aula naquele dia. Assim, foi diariamente realizada uma avaliação dos trabalhos pelas vozes das/os estudantes, que refletiam também sobre seu processo de formação.

Como reconhecer as palavras de uma turma, por exemplo, de terceira série do ensino médio? Moleza! Elas oscilam entre o “já deu, não aguento mais” e o “vou sentir tantas saudades disso tudo”. Contraditórias? Sim! Assim são os dias descritos nos diários de bordo que mais que descritos foram sentidos. Ao ler sobre cada aula relatada, vi mais que momentos triviais de uma sala de aula, foram instantes de transformação de cada um, que podem até terem me enganado, todavia me parece que a cada relato os ouvidos e olhos tornavam-se mais abertos ao que estava sendo apresentado. Criou-se uma dinâmica da atenção, da análise, da avaliação, do sentir. O objetivo de aprender algo pontualmente é substituído pelo partilhar algo, acontecendo o que tanto bell hooks defende em seu texto “Love as the practice of freedom” (2006): a abertura para uma ética do amor em nossas práticas existenciais e políticas.

A estratégia de aproximação ao literário adotada nesse projeto foi exatamente o de transposição do texto para a vida das/os estudantes, buscando a potencialidade que as interações pessoais e mais íntimas têm para gerar consciências, ressignificações, resistências. Aquilo que a filósofa María Logones (2014) denomina de “subjetividade ativa” ou “a vida entretecida de pessoas” que, em contato, estabelecem relações de resistências.

Não foi sonogada a interpretação intrínseca do texto, nem as possíveis intenções das autoras, mas foi por meio da apropriação do texto pelas alunas/os que ocorreu sua formação como leitoras e leitores. Falávamos dos poemas por meio da vida. Como sustenta Patrícia Nakagome (2015, 132), nesses contextos devemos observar

o que os próprios leitores têm a dizer, qual é o discurso que sustentam acerca do impacto da literatura e de algumas obras sobre eles. Teremos aqui, assim, seres humanos concretos, singularizados, não uma projeção de humanidade, a qual como vimos, parte em geral de uma concepção bastante autocentrada e individualista de homem. Aproximamo-nos, assim, daquilo que chamamos de “segunda vida” do leitor, a vida que acontece fora dos livros de teoria literária, mas perto de diversos livros ficcionais e de outras formas de experiência.

Assim, a voz de alunas e alunos foi o que guiou a entrada nos poemas, seja pela proximidade ou distanciamento, pelas similitudes ou dissonâncias. A “segunda vida” das/os leitoras/es torna-se a

fundamentação para se falar do literário. Aqui também podemos lembrar Paulo Freire (2006), ao dizer sempre que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Assim, considerar a leitura de mundo já feita até então e trazê-la como ponto de partida à compreensão de textos diversos pode ser uma forma de tornar a leitura democrática em ambiente marcado pela extrema heterogeneidade de níveis de leitura.

Permitir que saberes e vivências de alunas/os sejam o ponto de partida para a leitura de obras literárias em ambiente escolar foi capaz não só de romper a lógica de quem detém o conhecimento, mas também de possibilitar nascer um espaço de trocas de afetos e conhecimentos, dando vida a esses quando ainda não existiam. Aqui não posso deixar de falar da importante metodologia criada em Juazeiro do Norte (CE) pela professora e pesquisadora Francisca Pereira dos Santos, o LATA, que consiste em

um território de pesquisa geográfico, simbólico, orgânico e nômade que ocorre em sala de aula e fora dela, semanalmente, desde 2006, no curso de Biblioteconomia, e desde 2011 no curso de Educação Musical da UFCA. É uma experiência dialógica e metodológica que se dá tanto pelo acesso aos sujeitos locais que produzem, criam e disseminam suas manifestações culturais, sociais, políticas, econômicas e ambientais, quanto pelo contato com lugares, monumentos e prédios, tratados como “testemunhas da cultura”. O objetivo é criar e fomentar espaços de transmissão de conhecimentos para desenvolver através da troca de experiências e interação social da comunidade acadêmica com a sociedade, estratégias voltadas para o ensino-aprendizagem. Através de um lugar ou de uma fala/performance (voz poética) de convidad@s que narram suas vivências e existências como testemunhas atuantes da cultura local recupera-se memórias, poéticas, produtos e processos; fazeres e saberes diversos que servirão de base ao questionamento cada vez mais radical tanto da própria cultura nascida dos Estados-Nações, como do currículo convencional e oculto, que em geral despreza a transmissão de práticas orais como um diálogo possível que permite reconstruir parte da identidade fragmentada da região e trazer à tona memórias retidas, excluídas, silenciadas e não oficiais (Santos, *no prelo*).

Fundamentando-me nessa metodologia, propus a leitura de, entre outras obras, *Não vou mais lavar os pratos*, na busca de criar um espaço de afetações pelo que estava sendo lido, experienciado, o que ocorreu entremeados a choros, risos, indignações, conscientizações, discussões. As temáticas trazidas em *Não vou mais lavar os pratos* – sexualidade, relações amorosas, raça, mulheres, família entre outras – possibilitaram também uma abertura de não leitoras/es à leitura, uma vez que puderam ver que o livro que tinham em mãos também falava delas/es e não de outras pessoas. Além disso, a partir do momento em que alunas e alunos sentiam que tinham algo a dizer e podiam fazê-lo, abriu-se um canal não só para falar-se de literatura, mas da relação entre literatura e vida, formou-se o que bell hooks (2017, p. 46; 57-58) conceitua como “comunidades de aprendizado”,

um lugar onde as diferenças fossem reconhecidas, onde todos finalmente compreenderiam, aceitariam e afirmariam que nossas maneiras de conhecer são

forjadas pela história e pelas relações de poder. (...) Em vez de focar a questão da segurança, penso que o sentimento de comunidade cria a sensação de um compromisso partilhado e de um bem comum que nos une.

E nesse espaço, misto de laboratório e comunidade, realizamos encontros marcados pela troca de experiências, histórias, impressões, afetos. O texto, às vezes, não posso mentir, servia apenas como subterfúgio para que pudéssemos enunciar e anunciar o que sentíamos. Mas nisso nasceu a intimidade com a palavra escrita, com a literatura. E a *intimidade* não pode ser vista como algo sem importância e irrelevante. Se assim for vista, repetiremos a lógica escamoteada que, por exemplo, sustenta os discursos meritocráticos, segundo o qual todas/os são hierarquizados conforme méritos individuais. É a intimidade com o livro, em sua materialidade e em seu conteúdo, que é cultivada desde a mais tenra idade naquelas/es que detêm esse capital simbólico e cultura que é o livro, nos termos de Bourdieu (2006), que garante em grande medida a aproximação à literatura. Se as/os leitoras/es lerão literatura de entretenimento ou as vanguardistas não importa, mas serão leitoras/es.

Nesses encontros em sala de aula em que nos reunimos em torno da leitura, foi possível perceber que o processo de desenvolvimento da leitura havia se dado das maneiras mais diversas possíveis. Eu mesma indagava às/aos estudantes a respeito disso. Pude constatar, nesse sentido, um eixo: grande parte das/os alunas/os que não liam regularmente livros de literatura não o realizavam em razão, muitas vezes, da descontinuidade desse processo, seja na vida familiar e comunitária, ou no ambiente de sala de aula e mesmo pela falha do sistema de bibliotecas escolares, que por vezes fecham as portas às/aos estudantes seja no curso das aulas ou nos períodos de recesso e férias, por exemplo.

Em relação ao papel da família nesse processo, nas breves memórias de leitura escrita pelas/os alunas/os no início do ano letivo, foi possível ver que o hábito de leitura da maioria atrela-se ao ambiente escolar, tendo a família um papel de coadjuvante, uma vez que na vida cotidiana delas/es não há livros em sua casa e os que chegam vêm por meio da escola. De modo que o gradual processo de formação de leitoras/es cujas famílias compram os primeiros livros de banho e de pano, passam aos emborrachados, aos livros de primeiras palavras e assim vão se engrossando à medida que crescem os números de páginas, não ocorre com a maior parte de nossas/os alunas/os. A descontinuidade e a interrupção marcam esse processo de formação como leitoras/es.

A crença de que ler é chato nasce nesses contextos em que o livro não faz parte da “cesta básica”. Aqui mais uma vez as reflexões feitas por Pierre Bourdieu ajudam a esclarecer esses movimentos de distanciamento da leitura de obras literárias, que envolvem aspectos que se entrecruzam, sejam eles econômicos, culturais, simbólicos ou ideológicos.

Assim, como dar os passos seguintes nesse processo para alunas/os de segunda e terceira séries do ensino médio, prestes a concluir a educação básica? Essa é uma tarefa entremeadada por desafios. Uma vez que tivemos de lembrá-las/os sobre necessidade de concentração, silêncio, foco, entre outras ações corriqueiras a um/a leitor/a “treinada/o”. Quando escutamos de grande parte das/os professoras/es que estudantes não gostam de ler, que não querem nada, temos de, no mínimo, relativizar essas afirmações, porque o que se observa na prática pedagógica do dia-a-dia da sala de aula é que se traçarmos um *continuum* de formação de leitoras/es, a escola, em especial a pública, marcada por extrema diversidade de estudantes, é formada por estudantes em distintas posições, por fatores relacionados a padrão socioeconômico e familiar, por exemplo. Aqui cabe à escola, sim, assumir a responsabilidade de formar leitoras/es, já que é ela muitas vezes a única esfera capaz de fazer isso por essas/es alunas/os, tendo projetos específicos para isso.

O ganho maior do Programa Mulheres Inspiradoras em relação a isso, em especial na tentativa de trazer não leitoras/es à leitura, é propor a partilha de experiências, afetos, sensações, histórias de vida por meio da aproximação ao texto literário, propiciando a leitura a quem ainda não lê. O estabelecimento de um ambiente escolar democrático é condição básica para que isso ocorra, o que nem sempre se dá de modo sem conflitos, seguro, previsível, como afirma bell hooks (2017), sendo importante haver nesse processo o compartilhamento de responsabilidades, já que haverá necessariamente a expressão do eu de cada um seja em forma de manifestação pessoal de percepções seja em forma de agenciamento de ações.

Pensando ainda aquele que, ainda, não lê, as políticas e projetos de difusão e estímulo à leitura bem como de formação de leitoras/es abrangem unicamente alunas/os que já leem, ampliando o repertório desses, mas dificilmente atingindo essa ou esse estudante que não lê. Uma pergunta que nós, professoras e professores, temos de encarar é: Há realmente uma democratização ao acesso à leitura que se efetive como tal? O dado de que, no nosso país, uma em cada cinco pessoas não compreende o que lê nos diz que a escola, e as outras instâncias responsáveis por isso, não têm garantido essa democratização. Assim, nossos projetos de leitura têm de enfrentar essas questões.

Muitas outras coisas poderiam ser ditas aqui, mas muitas mesmo, contudo, quero finalizar este ensaio com uma pergunta de uma aluna. Ela me indagou, em uma das aulas, quando eu afirmava que todos naquela sala sairiam dali leitoras/es: “Professora, como a senhora pode acreditar tanto na gente?”. Daí eu só pude responder fazendo uma outra pergunta: Como eu posso não acreditar!?

Quando respondi isso, pensava na educação como este espaço entre o apropriar-se e o transgredir-se, no exato ponto da utopia, conforme entende Fernando Birri (*apud* Galeano, 1994), segundo o qual “a utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.

Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDUA, Gloria. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, dec. 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2006.

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Porto Alegre: LP&M Editores, 1994.

HOOKS, Bell. “Love as the practice of freedom”. In: *Outlaw Culture. Resisting Representation*. Nova York: Routledge, 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

— *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Trad. de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2017.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014. ISSN 1806-9584.

NAKAGOME, Patrícia Trindade. *A vida e a vida do leitor: um conceito formado no espelho*. 2015. 397 fls. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Francisca Pereira. *Projeto de pesquisa: Laboratório de Troca de Afetos – LATA. no prelo*.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília, 2016.